

LENDAS POPULARES DO RIO GRANDE DO SUL

Popular legends of Rio Grande do Sul

Sylvie Dion
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

RESUMO

As tradições do Sul do Brasil oferecem uma mistura advinda do folclore ameríndio, do folclore europeu, principalmente português, italiano e espanhol, e do folclore afro-gaúcho, ou seja, o folclore dos escravos africanos. Antigamente, associado às lutas fronteiriças, o gaúcho era um homem da planície, corajoso e combativo, que costumava beber o mate, bebida quente e amarga, chamada, no Sul, de chimarrão. Muitas vezes, era nas rodas de chimarrão, momentos de descanso para jogar conversa fora, que se contavam histórias. Tendo em vista a grande riqueza do lendário do Rio Grande do Sul, selecionamos aqui um conjunto de histórias e crenças que nos pareceu representativo da tradição gaúcha. Buscamos considerar o passado histórico, através das lendas das Missões, das lendas indígenas e das narrativas de escravos e das crenças populares que retratam os personagens do diabo, dos lobisomens, das feiticeiras e dos fantasmas.

PALAVRAS-CHAVE: lendas; crenças; tradições; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

Traditions in Southern Brazil display a mixture of Amerindian folklore, European folklore, mainly Portuguese, Italian and Spanish, and Afro-gaúcho folklore, which is the folklore of African slaves. In old times the *gaucho* was associated with the border disputes. He was a man of the plains, brave and combative, who used to drink *mate*, a hot and bitter drink which is called *chimarrão* in the South. It was in the “rodas de chimarrão”, a time to make small talk, that stories were usually told. Since there is a great amount of legends of Rio Grande do Sul, we have selected a group of stories and beliefs which are representative of the *gaucho* tradition. We approached the historical past through the legends of the Missions, the indigenous legends, slave narratives, and popular beliefs which portray characters such as the devil, werewolves, witches and ghosts.

KEYWORDS: legends; beliefs; traditions; Rio Grande do Sul.

“O Brasil migrou do campo para a cidade e esqueceu no fundo do sertão e das matas os seus monstros e outros seres da imaginação. Durante séculos, esses seres povoaram a mente de nossos antepassados e hoje alguns estão quase esquecidos”.
(CORSO, 2004, p. 13)

A tradição no sentido etnológico representa a totalidade das formas de pensar, de fazer ou de agir, de valores, crenças, costumes e manifestações que são conservadas pelo facto de serem consideradas valiosas aos olhos da sociedade e que se pretende transmitir às novas gerações. A literatura oral designa o conjunto das práticas narrativas tradicionais tais como os mitos, as lendas, os contos, as canções, a poesia popular. Fala-se também de *oratura* para caracterizar essa literatura sem texto, na perspectiva em que ela é constituída pela narração pontual e temporal de um narrador a um ouvinte.

A lenda é uma narrativa tradicional, transmitida de modo oral, que mistura fatos às vezes históricos e elementos sobrenaturais e extraordinários. Esse imaginário sobrenatural é alimentado

por representações religiosas e culturais e povoado de entidades como o diabo, os fogos-fátuos, os lobisomens, os fantasmas, os monstros e os santos. Encontramos também seres ameaçadores de origem humana, tal como as bruxas e os bruxos, marginais, criminais e assassinos. O homem tradicional convive naturalmente com o sobrenatural. O visível, o não visível e o invisível fazem parte de seu universo. Para ele, segundo Bertrand Bergeron, “aquilo que não se vê, não é que não exista; pertence a uma ordem de coisas diferente, superior ou inferior dependendo do caso” e a noite tradicional opaca e negra, é “um enclave pelo qual transitam os demônios, os lobisomens, os fogos fátuos, os duendes e os fantasmas em suas incursões esporádicas em direção ao visível” (BERGERON, 2010, p. 5).

No âmbito desse artigo, vamos apresentar um panorama de histórias e crenças que nos pareceu representativo da tradição gaúcha. Buscamos considerar o passado histórico da região, através das lendas das Missões, das lendas indígenas e das narrativas de escravos e das crenças populares que retratam os personagens do diabo, dos lobisomens, das feiticeiras e dos fantasmas.

Lendas indígenas e lendas das Missões

Muitas lendas indígenas fazem parte das lendas geográficas e etiológicas que explicam um nome de lugar, a origem de uma planta ou um fenômeno qualquer. Das muitas lendas desse grupo, a mais conhecida até hoje é a lenda do Boitatá, cobra luminosa gigantesca, um parente próximo dos *fogos-fátuos* europeus que assombravam os cemitérios e pântanos:

E até hoje o Boitatá anda errante pelas noites do Rio Grande do Sul. Ronda os cemitérios e os banhados, de onde sai para perseguir os campeiros. Os mais medrosos disparam, mas para os valentes é fácil: basta desapresilhar o laço e atirar a armada em cima do Boitatá. Atraído pela argola do laço, ele enrosca todo, se quebra e se some”. (FAGUNDES, 1992, p. 33)

Outro monstro de origem indígena é a lenda do Jaguarão, monstro anfíbio que vivia no atual rio Jaguarão, que matava e comia somente os pulmões de suas vítimas.

As lendas das Missões são testemunhos da presença dos jesuítas no Rio Grande do Sul e de um período historicamente turbulento. Elas retratam padres jesuítas, índios convertidos e também seus inimigos espanhóis e portugueses, muitas vezes apresentados como mercenários e caçadores de escravos. Entre 1682 e 1701, os jesuítas espanhóis fundaram sete missões no Rio Grande do Sul. Em 1750, através do Tratado de Madri, a Espanha cedeu essas sete missões a Portugal. Ficou estabelecido que os habitantes dos Sete Povos (índios guarani) seriam levados para o lado espanhol (Argentina e Paraguai), na outra margem do rio Uruguai, deixando para os portugueses tudo o que tinham: estâncias, ranchos, plantações de erva-mate. Os jesuítas e os índios, estabelecidos na região, não aceitaram tal decisão. Os índios resistiram, iniciando-se o conflito chamado de Guerra das Missões. Em 1756, um terrível massacre, que envolveu de um lado forças espanholas e portuguesas e, de outro, os índios missionários, causou a morte de mais de 1.500 índios. Os missionários derrotados deixaram suas missões, queimaram seus povoados e suas igrejas, carregando uma grande quantidade de objetos sagrados: o tesouro dos jesuítas.

Quando abandonaram as missões, os padres jesuítas foram perseguidos por mercenários em busca de ouro. Vários jesuítas preferiram, então, livrar-se desses objetos de valor ao invés de abandoná-los em mãos ímpias. Alguns tesouros foram enterrados, outros foram colocados em torres ou casas construídas para tal fim, ou ainda escondidos no subsolo, guardados por fantasmas ou por monstros:

No tempo dos Sete Povos das Missões, havia um índio velho muito fiel aos padres jesuítas, chamado Mbororé. Com a chegada dos invasores portugueses e espanhóis, os padres precisaram fugir, levando em carretas os tesouros e bens que pudessem

carregar. Assim, amontoaram o muito que não podiam levar consigo – ouro, prata, alfaias, joias, tudo! – e construíram em redor uma casa branca, sem porta e sem janela. Para evitar a descoberta da casa pelo inimigo e o consequente saqueio, deixaram o velho índio fiel Mbororé cuidado, com ordens severas de só entregar o tesouro quando os jesuítas voltassem às Missões. Mas os jesuítas nunca mais voltaram. Com o passar dos anos, o velho índio morreu [...]. A casa de Mbororé continua lá num mato das Missões, imaculadamente branca, cuidada dia e noite pela alma do índio fiel que ainda espera a volta dos jesuítas”. (FAGUNDES, 1992, p. 52-53)

Outros tesouros foram jogados em lagos profundos, como no caso da Lagoa Vermelha, onde os jesuítas jogaram o cobiçado tesouro ao final de uma batalha sangrenta. Essa lagoa, dita sem fundo, teria ficado vermelha por causa do sangue dos mortos. Mesmo hoje em dia, parece que ninguém se atreve a nadar ou pescar por lá.

Uma das figuras mais marcantes desse ciclo de lendas é São Sepé. Índio valente, protegido por São Miguel, Sepé lutou até a morte contra a invasão das sete missões, repetindo: “Essa terra é nossa! Nós recebemos de Deus e de São Miguel”. Sepé Tiaraju nasceu na redução de São Luís Gonzaga, em data desconhecida, e faleceu em São Gabriel, no dia 7 de fevereiro de 1756. Ele foi um guerreiro guarani que liderou a rebelião contra o Tratado de Madri. Considerado santo popular, virou personagem lendário do Rio Grande do Sul e declarado "herói guarani missioneiro rio-grandense" por lei.

Sepé nasceu com um sinal em sua testa, em forma de meia-lua; nas noites escuras, durante os combates, a lua de Sepé orientava os soldados missioneiros. Diz-se que quando ele morreu, Deus retirou a lua de sua testa e a colocou no céu dos pampas. Hoje é o Cruzeiro do Sul, a constelação de São Sepé, que serve de guia para todos os gaúchos:

Trazia um lunar na testa
E ao morrer diz o refrão
O lunar de sua a testa
Tomou no céu posição
Virou santo, São Sepé
O Santo da ressurreição.
(RIBEIRO, 2002, p. 35)

Da mesma forma, o Rio das Lágrimas, perto da cidade de Bagé, deve seu nome ao índio Sepé. Presentindo a derrota e a perda de sua terra tão querida, Sepé chorou tanto que das suas lágrimas nasceu um rio: “Chereçá y apacuí. Chereçá y”, rio das lágrimas que eu chorei. Rio das minhas lágrimas. (<http://lendasbage.blogspot.com.br/2013/03/a-lenda-do-rio-das-lagrimas>).

As lendas dos escravos

As lendas dos escravos são muito numerosas no Sul do Brasil. Terceiro grupo fundador da região, depois dos índios e dos portugueses, os escravos, originários principalmente da Grande Guiné, de Angola e do Congo, foram associados às principais atividades econômicas da região. Suas narrativas ilustram os maus-tratos sofridos por eles e apresentam, muitas vezes, uma solução milagrosa, uma espécie de justiça divina, reabilitando o escravo como ser humano e filho de Deus.

Imortalizada por Simões Lopes Neto, a lenda do Negrinho do Pastoreio é certamente a mais popular das lendas gaúchas. Segundo ela, entre os escravos de uma estância, havia um negrinho, encarregado do pastoreio de animais: “A este não deram padrinhos nem nome; por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora Nossa, que é a madrinha de quem não a tem” (LOPES NETO, 1991, p. 68). O menino estava cuidando de uma tropilha de cavalos no campo e alguns extraviaram. Ele conseguiu encontrar os animais graça a uma vela sagrada, presente da Nossa Senhora, e trouxe para casa, mas o malvado filho do patrão soltou novamente os animais. A lenda conta a milagrosa

ressurreição do jovem escravo, acusado pelo cruel patrão de ter perdido um dos animais; depois de apanhar muito, foi atirado para morrer, devorado em um formigueiro. O pequeno escravo foi milagrosamente salvo pela Virgem Maria:

Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do escravo. Qual não foi o seu grande espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto a tropilha dos trinta tordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo. (LOPES NETO, 1991, p. 73)

Desde então, o Negrinho do Pastoreio ficou sendo o achador dos objetos perdidos. Tem-se que acender um toco de vela para Negrinho do Pastoreio e dizer: “Foi por aí que eu perdi”.

Santa Josefa era uma jovem escrava muito bonita da região de Cachoeira do Sul. Ela foi assassinada por seu patrão por ter recusado suas investidas. Poucos dias depois do funeral, viu-se verter sangue da sepultura simples de Josefa. Avisado do milagre por outros escravos, o patrão arrependido mandou construir uma capelinha em memória da virtuosa moça, que se tornou uma santa popular.

Submetidos a condições de vida desumanas, muitos escravos fugiam. Eles eram então perseguidos, e recompensas, oferecidas por suas cabeças. Outros escolhiam a fuga final, ou seja, o suicídio. A Lagoa Negra, na cidade de Osório, é assombrada pelo fantasma de um jovem negro, que pôs fim a seu martírio, enforcando-se em uma árvore à margem da lagoa. Sua figura lúgubre ainda aparece certas noites, balançando ao vento.

Bode expiatório por excelência, o escravo era o primeiro a ser acusado dos crimes. Assim, durante a construção da igreja de Nossa Senhora das Dores, em Porto Alegre, uma pedra preciosa da estátua da Virgem desapareceu; um padre acusou de furto um escravo pedreiro. Ele foi condenado à forca, mas antes de morrer gritou a injustiça: “Vou morrer porque sou escravo, mas vou morrer inocente. A prova da minha inocência é que essas torres nunca vão ficar prontas!” (FAGUNDES, 1922, p. 125). Após sua morte, a construção da Igreja desacelerou de modo que as torres permaneceram inacabadas. O padre acusador, tomado por remorso, confessou seu crime. Ele próprio havia roubado a joia para oferecer como presente a uma de suas amantes!

A presença do diabo

O diabo é provavelmente o personagem mais importante e popular dos seres fantásticos que povoam o universo lendário. O diabo, para as pessoas simples, é, entretanto, bem diferente da figura literária ou teológica: ele é um personagem incomodante e familiar, temido em razão da sua capacidade nociva, que ele introduz nas pequenas coisas da vida cotidiana. “Lixeiro de Deus”, o diabo vem punir os pecadores e os maus cristãos no lugar de Deus. Na mentalidade popular, ele representa, de fato, a má-consciência, que se vê, assim, aliviada de vários problemas, já que é o diabo que nos empurra a essa má-conduta. Instrumento de controle social, punindo os transgressores, o diabo recolhe os frutos da tentação, do vício e do tormento. Ele é, ao mesmo tempo, tentador e algoz.

No Brasil, segundo Luís da Câmara Cascudo, encontramos o diabo português com os mesmos processos, as mesmas seduções e os mesmos medos. Os poderes e os hábitos demoníacos no Brasil são idênticos aos europeus. Encontramos aí o diabo pactuante, punidor, belo dançarino, sob os traços de um jovem mestiço, muito belo e sedutor.

Regra geral, o gaúcho não gosta de pronunciar a palavra diabo porque ele crê que, ao repetir o nome do diabo várias vezes, este aparecerá durante a noite, batendo um martelo.

Em compensação, tem-se o costume de utilizar outras denominações como tinioso, vermelhinho, demônio etc., ou ainda algumas deformações, entre as quais, dianho ou diacho. Vários provérbios e expressões populares fazem igualmente referência ao diabo: “Mulher com bigode, nem o diabo pode”, “Quando o diabo não pode vir, manda o secretário”, “Deus existe para me dar o que o diabo me tirou” ou, ainda, “Quando se está no inferno, não custa nada abraçar o diabo”.

Acredita-se que o diabo é proprietário de certos lugares. Algumas estradas ou trechos pertenceriam a ele, tal o número de acidentes com mortes que acontecem aí. Em Soledade, entre outras, conta-se que, em uma noite fria e nevoenta, chegou um ônibus quase vazio. No banco da frente, dois homens discutiam os numerosos acidentes fatais que haviam acontecido na estrada entre Soledade e Passo Fundo. Um deles disse que os acidentes iriam diminuir, pois a Polícia Federal iria, em breve, instalar um posto de vigilância na saída da cidade. No banco de trás, um jovem mestiço, cabelos crespos e dentes muito brancos divertia-se muito com a conversa dos dois homens. Pouco depois, o ônibus parou em um restaurante para uma curta pausa. Os homens desceram, e o jovem mestiço passou entre eles e disse: “A polícia não vai servir pra nada aqui. Esta estrada me pertence daqui até o riacho Tigela. Vai continuar a morrer gente, cada vez mais!” Os dois homens perguntaram-lhe quem era. Como resposta, ele afastou-se rindo e desapareceu dentro da cerração, deixando atrás de si um cheiro de enxofre (cf. FAGUNDES, 1992, p.16).

O diabo pactuante se encontra em várias regiões do Sul do Brasil. As fortunas adquiridas rapidamente e a prosperidade súbita de certos proprietários de terras são frequentemente atribuídas a um pacto com o diabo. Assim, conta-se que um criador da cidade de Soledade teria ganhado sua fortuna com um pacto com o diabo, segundo o qual ele lhe entregaria seu próprio filho. Da mesma forma, uma comerciante cujos negócios não iam bem teria trocado sua alma por uma nova prosperidade. Ainda em Soledade, uma professora muito conhecida pela população foi surpreendida comprando velas vermelhas. Seus alunos, intrigados, seguiram-na até uma pedreira isolada onde ela acendeu quatro velas dispostas em cruz, invocando o diabo para obter... um marido! (cf. FAGUNDES, 1992, p. 16-17)

Encontramos, também, o diabo sob o aspecto de um belo dançarino, ameaçando as jovens que gostam bastante da dança e que têm tendência a dispensar seus noivos pelo primeiro estrangeiro que chegar. O belo dançarino teria aparecido em vários municípios do Rio Grande do Sul, durante bailes de Carnaval e reuniões dançantes. Ele teria aparecido, por exemplo, em Encantado, em 1930. A jovem em questão ficou conhecida como a noiva do diabo. Igualmente, sua aparição teria ocorrido em Uruguaiana, durante o Carnaval de 1942, e em Osório (data não precisa), durante uma festa, numa quarta-feira à noite (cf. FAGUNDES, 1992, p. 19-20).

O diabo aparece aí com traços de um jovem mestiço, estranho na cidade, muito bonito, sorridente e simpático. Rapidamente, ele corteja a jovem da casa ou a mais bela do baile e começa a dançar com ela. Por volta da meia-noite, a irmã da jovem, que suspeita de alguma coisa, começa de repente a gritar: “O pé redondo!”, “O casco!”. Logo a mãe da jovem se lança contra o diabo e lhe retira sua filha. Assim descoberto, o belo dançarino desaparece em uma nuvem de pó, deixando atrás de si o cheiro característico de enxofre:

Todos viram. Os músicos e bailarinos também foram parando. E logo foram avançando para a dupla, que tinha parado no meio do salão, fechando um círculo, em silêncio. Só o rapaz do “pé redondo” sorria sempre. Quando não era mais possível escapar, ele deu um estrondo muito forte e desapareceu numa nuvem de enxofre para cima, furando o pesado teto do primeiro piso e o teto do próprio casarão no segundo andar, destruindo tudo. E desapareceu. (FAGUNDES, 1992, p. 20)

O diabo vem também punir o pecado do orgulho, como nos é dito no conto da rica e orgulhosa senhora que recusou dar a mão de sua filha a um jovem rapaz pobre, mas honesto e trabalhador, dizendo que preferia casá-la com o diabo em vez de um pobre. Logo um jovem rico se apresenta, dizendo-se proprietário de vários bens e pede a jovem em casamento. Eles se casam

e após um mês o marido desaparece sem deixar vestígio. A jovem grávida dá à luz a uma criança estranha: ela tinha um rabo, dentes e falava. Viveu apenas algumas horas... A parteira conta que se tratava realmente do diabo em pessoa e que ele tinha vindo para punir a mãe do seu orgulho (cf. BOREGETTI, 1982).

O diabo aparece e vem punir os jogadores de cartas e dados, os bêbados inveterados e as jovens levianas. Às vezes, ele aceita desafios: disputa de canto, briga de soco propriamente dito, na qual o ferrabrás do lugar pode se medir com um adversário à altura. Essas narrativas representam um homem bem comum, que desafia o diabo unicamente com sua força física, reforçando, assim, a superioridade do bem sobre o mal, dentro da ordem estabelecida.

O lobisomem

“Em todas as cidades, vilarejos e povoados do Brasil, o lobisomem tem sua crônica. Ninguém o ignora e são raros os que não têm um depoimento curioso sobre a abantesma”. (CASCUDO, 2002, p. 183)

De um ponto de vista genérico, o lobisomem é um homem que, em vida, se transforma em lobo ou em animal nas noites de lua cheia. Ser híbrido, mistura de humano e animal, ele é colocado à margem da humanidade. O lobisomem se caracteriza por um comportamento bestial, uma força brutal e uma falta de escrúpulos. Assim como a bruxa, ele tem a reputação de atacar crianças, mulheres e pessoas em posição de fraqueza. Vagabundo noturno e solitário, ele jamais ataca um grupo de pessoas, mas de preferência o viajante perdido na noite. A metamorfose na mentalidade popular é frequentemente o resultado de uma herança ou de um contágio, ou ainda de uma punição divina. O lobisomem é associado ao pecado, aos cultos pagãos e à selvageria da natureza. É simbolicamente o estrangeiro em meio à figura familiar; o Outro que está em nós.

De um modo geral, são pessoas de comportamento estranho à sociedade. Elas vivem isoladas, nunca as vemos comer durante o dia e desaparecem completamente durante a noite. É possível reconhecer um lobisomem sob a forma humana, visto que ele conserva durante o dia os estigmas (feridas, arranhões) de suas caças noturnas.

Os gaúchos acreditam que o sétimo homem de uma família deve ser batizado pelo primogênito da mesma; se não, essa criança será condenada a se transformar em animal, cachorro ou porco, raramente em lobo, certas noites, principalmente às terças e às sextas-feiras. A metamorfose pode ser também o resultado de uma punição divina após relações sexuais condenáveis, principalmente incestuosas, ou após uma excomunhão, o que retira a proteção divina do sujeito e o torna, por consequência, uma presa fácil para o diabo.

O lobisomem, geralmente, é um homem branco, de pele grossa, magro, de olhos fundos, dentes salientes e de aparência bastante alaranjada e pálida. Ele mora sozinho ou com uma velha estranha, que, por vezes, é sua mãe. Ele também pode ser casado com uma mulher que ignora o fato.

Quando um velho lobisomem pressente a morte, a criança pede que ele transmita o fado a uma pessoa mais jovem; do contrário, sofrerá atrocemente. Ele espera que uma criança passe por perto para simplesmente lhe perguntar: “Tu queres?” Como a criança pensa que ele quer lhe oferecer um presente, ela responde “sim” de forma espontânea. O velho pode então morrer contente.

A crença popular gaúcha vê o lobisomem mais como vítima que deve cumprir seu destino (fado) ou sua punição, que é o de se transformar em animal e de correr durante noites inteiras. Por vezes, ele tem um itinerário complexo a ser cumprido: visitar sete cemitérios de igrejas, sete vilarejos, sete encruzilhadas e voltar ao seu ponto de partida. Conforme a tradição europeia, pode-se libertar um lobisomem, jogando-lhe algum objeto metálico, ou com a ajuda de uma bala mergulhada na cera de uma vela que serviu a três missas consecutivas.

Em fevereiro de 1996, o jornal *Zero Hora* relatou uma história de lobisomem que tinha causado pânico no bairro de Campestre Menino Deus, em Santa Maria (“O caso do lobisomem”,

Zero Hora, sábado 3 fev. 1996, p. 52). O bicho aparecia apenas à noite, rosnando, os olhos como brasas, atacando cães e outros animais de estimação. O proprietário de uma loja de bairro teria até mesmo feito uma lista de possíveis suspeitos, sem revelá-la, é claro, pois muitas pessoas conhecidas estariam envolvidas.

No Sul do Brasil, as mulheres não são isentas da metamorfose e da punição divina após relações sexuais tabus. Quase idêntica ao lobisomem por seu comportamento, a mula sem cabeça é uma mulher punida por ter mantido relações sexuais com um padre. Ela se vê condenada a se transformar em mula e a correr à noite, geralmente de terça a sexta, galopando freneticamente e lançando fogo pelas narinas. Para libertá-la, é preciso retirar seu freio ou, como no caso do lobisomem, extrair-lhe um pouco de sangue. É interessante notar que essa metamorfose em mula, que pune a mulher adúltera e o sacrilégio, não é totalmente gratuita, visto que, simbolicamente, esse animal híbrido representa a esterilidade e é reconhecido por sua hipocrisia, seu caráter imprevisível e obstinado, distribuindo patadas quando menos se espera.

As feitiçeras

As feitiçeras são vistas como pessoas más que fazem o mal pelo mal. A crença em feitiçeras, bem viva no Rio Grande do Sul, prevê um conjunto de precauções para proteger-se da má-sorte. O nascimento de uma feitiçeira é semelhante ao de um lobisomem: a sétima filha de um casal vira bruxa, a menos que seja batizada pelo mais velho da família. As feitiçeras atacam principalmente as crianças, os animais pequenos, e qualquer planta ou semente em crescimento, porque elas não têm, segundo dizem, a força necessária para enfrentar os seres adultos. A principal arma da feitiçeira é o olho grande que ela põe em quem ela quer fazer mal. Os pintinhos ou leitões que têm a infelicidade de vê-la morrem no local. As crianças enfeitiçadas ficam amarelas e enfraquecem a olhos vistos.

As feitiçeras são acusadas de chupar os umbigos de recém-nascidos, o que tem o efeito de enfraquecer os bebês. A melhor maneira de afastá-las é fazer um amuleto, ou ainda usar um chifre de boi e um ramo de arruda, que são colocados próximo ao berço. Assim, o primeiro presente que um recém-nascido recebe é um pequeno amuleto de ouro ou madeira na forma de um punho fechado, que deve estar sempre colocado perto do corpo do bebê. Da mesma forma, na porta principal da casa, recomenda-se pendurar um chifre de boi e alguns galhos de arruda. Também é aconselhável plantar no jardim um pé de arruda porque as feitiçeras odeiam o cheiro.

Como eliminar uma feitiçeira? É preciso remover todos os móveis na peça principal e colocar-se no centro dela; a dona da casa deve repetir três vezes, em voz alta, o nome da mulher suspeita de ser uma feitiçeira. Momentos depois, a feitiçeira deve aparecer no quarto, dizendo “A senhora me chamou vizinha?”, e o encanto é, então, quebrado. Para libertar uma criança amaldiçoada, basta pegar um pedaço de suas roupas, várias agulhas e espetar tudo. A feitiçeira aparecerá muito rapidamente, gritando de dor.

Assombrações e devoção popular

Na mentalidade popular, um fantasma é uma criatura sobrenatural, uma visão que interpretamos como manifestação do espírito de um morto, prisioneiro na terra, pois não teria achado o descanso ou teria voltado do além para realizar uma vingança; para ajudar os próximos; para pedir algo, muitas vezes orações; para realizar uma promessa ou errar na terra como punição de suas más ações passadas. O retorno do espírito do morto é intimamente ligado ao cerimonial da morte, último rito de passagem. Os defuntos são considerados vivos de um jeito particular. Eles não são imortais, mas em transição entre a vida e a morte durante um certo tempo. A morte, a passagem da vida até o falecimento, é considerada como progressiva e é do dever dos vivos assegurar ao morto o ritual de sua última passagem em direção à sua nova vida. A última separação estava ligada

à ideia da morte ideal, da boa morte, da morte lenta e consciente e esperada, em companhia do padre e dos próximos.

O Brasil herdou, de vários ritos fúnebres cristãos europeus, traços culturais dos grupos que contribuíram em sua formação. Segundo Câmara Cascudo, a crença queria que a alma abandonasse o corpo no último suspiro, mas se mantivesse no local e somente seguisse seu destino depois que o corpo fosse sepultado, ou após a missa de sétimo dia, ou até o momento no qual a família vestisse as roupas do luto. Qualquer promessa feita pelo morto deve ser cumprida, senão a alma não descansará.

A boa morte era igualmente ligada à vida do bom cristão e se opunha à morte trágica ou à morte desonrada. Os acidentes e os afogamentos que implicavam uma morte sem padre, sem sacramento e sem sepultura eram temidos. Assassinos, crianças mortas sem batismo, pessoas de má reputação (excomungados, heréticos, bêbados, prostitutas) ou pessoas que teriam morrido em circunstâncias violentas e não habituais, como suicidas, ou os assassinados ariscavam ser excluídos do cemitério e enterrados na margem, numa seção dita não benta. Privados dos sacramentos da igreja no momento da morte, às vezes excluídos do cemitério, esses defuntos eram os mais suscetíveis a voltar a assombrar o mundo dos vivos.

Damas de brancos e santas prostitutas

A Dama de Branco é uma expressão genérica do folclore universal para designar as diversas aparições de mulheres vestidas de branco: moças, noivas, santas, prostitutas. Vítimas em vida e após a morte, as Damas de Branco são fantasmas de jovens assassinadas que ou se suicidaram ou morreram de maneira trágica em acidentes. No Sul do Brasil, encontramos a história da moça do cemitério, da morte do baile ou da moça que dançou depois de morta, da mulher de branco da Lagoa dos Barros e da prostituta Maria Degolada.

Essas histórias fazem geralmente menção à aparição de uma bela jovem, vestida de branco, com um vestido, porém, muitas vezes ultrapassado, de outra época. Ela aparece sempre à noite na beira dos lagos ou das estradas, ao final de um baile. Os motoristas que oferecem carona terão a surpresa no meio do caminho, qual seja, a de constatar a desaparecimento da bela passageira. Outras vezes, ela dará o seu endereço para o motorista, que acaba por ser o mesmo do cemitério local.

A lenda da moça que dançou depois de morta é, segundo Fagundes, muito popular em Porto Alegre:

Diz que um moço foi a um baile, no bairro da Glória, numa noite de sábado. Lá, viu uma moça muito bonita e triste. E sozinha, o que era uma coisa incomum, à época. Dançou com ela o que deu, até que à meia-noite ela disse que precisava ir para casa.

Encantado com sua beleza e comportamento, o moço quis acompanhá-la, ainda mais porque ela estava sozinha. Ao saírem à rua, a moça estremeceu de frio e se abraçou, arrepiada. Então o rapaz, muito educado, ofereceu-lhe a capa, na qual ela se enrolou, agradecida.

Os dois atravessaram o morro da Glória – onde fica o cemitério e desceram um pouco a lomba, como quem vem para o centro. Diante de uma casa a moça parou e disse: “Eu moro aqui”. Quis devolver a capa, mas o rapaz não aceitou, pensando numa desculpa para ver a moça ao meio-dia de domingo... Ela sorriu e nada disse, entrando na casa.

No domingo, perto do meio-dia, o moço voltou a casa, teoricamente para rever a capa, mas na realidade esperando um convite para almoçar e, quem sabe, começar um namoro. Foi recebido por um homem maduro e muito triste. O rapaz só então se deu conta de que não tinha perguntado o nome da moça, na noite anterior. Vai daí, disse ao velho:

– O senhor é o pai da moça que mora aqui?

– Aqui não mora moça nenhuma. – Disse o homem triste.
 – Mora, sim. Eu vim com ela ontem de um baile e ela entrou aqui. Emprestei a minha capa para ela, porque estava frio e fiquei de vir buscar hoje...
 – É engano seu, deve ter sido noutra casa. – Contestou o velho.
 E, ao abrir um pouco mais a porta, o rapaz espiou para dentro e viu o retrato da moça na parede. Alegrou-se, apontando:
 – Olhe, lá está ela, é aquela do retrato!
 Para surpresa dele, o velho olhou e disse:
 – Aquela é minha filha, que morreu faz um ano.
 O rapaz ficou abobado. Não queria acreditar. Era tão sincera sua surpresa que o velho se ofereceu para levá-lo ao túmulo da filha, no cemitério ali em cima. Foram. E lá estava o túmulo da moça, com seu retrato na cruz e em cima do túmulo, a capa do rapaz”. (FAGUNDES, 1992, p. 164-165)

A seguir, outra história de aparição da Dama de Branco e a lenda da Lagoa dos Barros que lembra a morte trágica de uma noiva:

Mas, entre todas as lendas envolvendo a Lagoa dos Barros com certeza a mais difundida e também macabra nasceu de um fato verídico. O famoso assassinato que movimentou Porto Alegre em 1940, quando o noivo da jovem Maria Luiza matou-a e jogou seu corpo na lagoa, amarrado a uma pedra. Moradores dizem que já encontraram uma mulher de branco à noite, perto da lagoa. Quando foram em sua direção, um vento fortíssimo começou a sacudir as árvores chegando a arrancar pedaços do solo. De repente, a figura sumiu sem deixar vestígio. Outra história sobre a mulher de branco surgiu em 1958, quando dois caminhoneiros a viram andando na beira da estrada que margeava a Lagoa dos Barros, à noite. Estranhando encontrar uma mulher sozinha àquela hora eles pararam para investigar, mas a figura desapareceu. As histórias sobre visões da mulher de branco que perambula pela lagoa à procura do seu noivo-assassino continuam se repetindo até hoje, às vezes assustando muitas pessoas”. (Extraído de: <http://rsemfoco.blogspot.com/2008/10/lendas-e-mitos-da-lagoa-dos-barros.html>)

No conjunto do Brasil, existem diversas santas que são o objeto de um culto popular chamado “as santas prostitutas”, devido à sua ocupação durante a vida terrestre. Todas eram jovens e belas mulheres, charmosas, reconhecidas como caridosas em relação aos mais desprovidos, mas de vida ruim. Prostitutas de profissão, moças fáceis ou proprietárias do bordel local, resumindo, jovens mulheres vulgares para a época, maquiadas, vestindo vestidos de noite escandalosos, tendo joias e acessórios de luxo, que fumavam cigarro e tomavam cachaça em companhia de homens. Todas essas jovens mulheres conheceram um fim trágico. Geralmente, elas foram assassinadas por um amante ciumento, mais frequentemente um policial ou militar, casos em que elas se suicidaram, como o de Jandira de Campinas que, abandonada por seu amante e desesperada, ateou fogo às suas roupas e morreu queimada. Embora sua marginalidade evidente, elas parecem toleradas e integradas à vida social, sobretudo nas camadas populares, em virtude de sua compaixão em relação aos pobres e desprovidos.

Imediatamente após suas mortes trágicas, elas se tornam mártires e, pouco a pouco, santas populares. Conforme nota Fagundes, elas reúnem os elementos instigadores necessários para uma futura canonização popular: a prostituição, a bondade, a morte trágica pelas mãos de uma agente da paz e da ordem e os milagres (cf. FAGUNDES, 2003). Enfim liberadas do peso de sua vida terrestre, elas continuam após a morte a praticar, através do milagre, a caridade em relação aos indigentes. Geralmente, a população ergue uma pequena capela no lugar do drama, aonde os fiéis vêm rezar, pedir graças e oferecer presentes em agradecimento aos favores obtidos.

Crenças populares e a memória lendária

As crenças evoluem, modificam-se, transformam-se. Certas crenças nas entidades sobrenaturais desapareceram com a compreensão dos fenômenos que as geravam e com o enfraquecimento de certos rituais religiosos que as subentendiam. Os lugares geradores de medo mudaram no decorrer do tempo, os monstros trocaram de rostos, certas convicções as substituíram e outras permaneceram muito presentes na memória coletiva. Como menciona o etnólogo Bertrand Bergeron:

Se vários objetos de crença cessaram de alimentar os meios de transmissão, a necessidade que os requeria e os chamava permanece ainda vivaz, ainda tenaz e ainda urgente. A faculdade de crer resta intacta apesar da deserção maciça de toda uma fauna sobrenatural, que só se evoca como curiosidade intelectual para o uso dos turistas. Outras crenças vem ocupar o lugar deixado vago, ocupando ilegalmente, podemos dizer. Frequentemente elas são somente crenças antigas, atualizadas, de alguma forma enfeitadas. (BERGERON, 1988, p. 346)

Forma de autobiografia coletiva, a lenda é a história dos pais, contada pelo povo. Cada narrativa contribui para esse álbum de família: ele é um traço da pequena e da grande história coletiva. A narrativa lendária apela para uma cultura comum ligada tanto ao cotidiano quanto à história do grupo: os lugares são familiares, os personagens são conhecidos. O evento sócio-histórico de onde parte a narrativa fica a cargo do grupo, que o preenche com seus valores e padrões de comportamento. Baseado na crença alimentada pelo medo, a lenda é uma narrativa de prevenção e de advertência. O conhecimento que ela nos oferece do passado se enraíza no interior do grupo restrito e visa transmitir os valores desse grupo. Assim, cada lenda é o espaço de uma reinterpretação dos fatos. Todo esse universo de exemplos, regras e modelos contribui para estruturar a relação que estabelecem os indivíduos com a maneira como eles se comportam e a maneira como seus ancestrais viviam e se comportavam. Para uma coletividade, a lenda representa a valorização de seu passado, de suas tradições, de seus valores. Ela deseja ser uma apropriação popular da história, dizendo-nos como os membros de uma comunidade perceberam os grandes ou pequenos acontecimentos históricos¹.

Referências

- BERGERON, Bertrand, *Au royaume de la légende*. Chicoutimi: Éditions JCL, 1988.
- _____. No reino da lenda. Trad. Sylvie Dion e Danieli de Quadros. *Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG – Série Traduções*, n. 6, set. 2010.
- BORGHETTI, Terezinha Bertol. *O diabo na região de colonização italiana*. Porto Alegre: Faculdade de Música Palestrina, 1982.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2002.
- _____. *Lendas brasileiras*, São Paulo: Global, 2002.
- _____. *Literatura oral no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; MEC, 1978.
- _____. *Anthologia do folklore brasileiro*. São Paulo: Martins, 1954.
- _____. *Dicionário do folklore brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.
- CORSO, Mário, *Monstruário: inventário de entidades imaginárias e mitos brasileiros*. Porto Alegre: Tomo, 2004.
- DION, Sylvie. A metamorfose: o lobisomem na lenda quebequense e brasileira. In: BERND, Zilá (Org.) *Escrituras híbridas, estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.
- _____. Transmissão, transgressão e identidade cultural, estudo comparativo do lendário do Quebec e do Rio Grande do Sul. *Cadernos Literários*, Rio Grande, v. 10, p. 71-78, 2005.

¹ Esse artigo é uma parte de um trabalho maior em produção. Gostaria de agradecer Danieli Barroco de Quadros, pela tradução da primeira versão deste trabalho, e Fabiane Resende, pela revisão textual em língua portuguesa.

- _____. Fantasmas femininos e imaginários coletivos, os casos de Marie-Josephte Corriveau e Maria Degolada. In: BERND, Zilá (Org.) *Imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- FAGUNDES, A. A. *Mitos e lendas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.
- FAGUNDES, A. A. *As santas prostitutas, um estudo de devoção popular no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.
- HAASE FILHO, Pedro. *Lendas gaúchas*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007.
- LAYTANO, Dante de. *Folclore do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; EDUCS, 1987.
- LOPES NETO, J. S. *Lendas do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.
- MARQUES, B., L. et al. *Rio Grande do Sul, aspectos do folclore*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.
- RIBEIRO, Paula Simon. *Folclore: similaridades nos países do Mercosul – lendas, mitos, religiosidade, medicina e crenças do povo*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

Recebido em: 11 out. 2017.

Aprovado em: 11 dez. 2017.

